



Erva perene com caules aéreos de até 3m e folhas grandes. As flores são esbranquiçadas, pequeninas, e estão reunidas em grupos que aparentam frequentemente estar “salientes”, acima da parte vegetativa da planta. .

**Nome científico:** *Reynoutria japonica* Houtt. = *Fallopia japonica* (Houtt.) Ronse Decraene.

**Nomes vulgares:** sanguinária-do-Japão

**Família:** Polygonaceae

**Estatuto em Portugal:** espécie com risco ecológico conhecido (listada no anexo III do Decreto-Lei nº 565/99, de 21 dezembro).

**Nível de risco:** 17 | Valor obtido de acordo com um protocolo adaptado do Australian Weed Risk Assessment (Pheloung et al. 1999), segundo o qual valores acima de 6 significam que a espécie tem risco de ter comportamento invasor no território Português | Atualizado em 29/09/2015.

**Sinonímia:** *Fallopia japonica* (Houtt.) Ronse Decraene var. *japonica*, *Reynoutria japonica* var. *compacta* (Hook.f.) Moldenke, *Reynoutria japonica* var. *hastata* (Nakai ex Ui) Honda, *Reynoutria japonica* var. *spectabilis* (Noter) Moldenke, *Reynoutria japonica* var. *terminalis* (Honda) Kitag., *Reynoutria japonica* var. *uzenensis* Hond, *Pleuropterus cuspidatus* (Siebold & Zucc) H. Gross, *Polygonum cuspidatum* Siebold & Zucc. , *Polygonum reynoutria* Makino, *Polygonum sieboldii* Reinw. ex de Vries, *Polygonum zuccarinii* Small, *Tiniaria cuspidata* (Houtt.) Hedb., *Tiniaria japonica* (Houtt.) Hedberg.

**Data de atualização:** 11/10/2017

Ajude-nos a mapear esta espécie na nossa [plataforma de ciência cidadã](#).

### Como reconhecer

Erva perene, rizomatosa, com caules aéreos anuais de até 3 m de altura.

**Folhas:** ovadas, truncadas na base, com 5-14 x 3-13 cm, pecioladas, grandulosas.

## **Reynoutria japonica (sanguinária-do-Japão)**

**Flores:** unissexuais, esbranquiçadas, reunidas em fascículos de 2-5 flores, por sua vez reunidos em panículas, glandulosas; 5 tépalas persistentes na frutificação, as 3 externas aladas.

**Frutos:** secos, trigonais, negros, com 4 x 2 mm.

**Floração:** julho a setembro.

### **Espécies semelhantes**

Por ter folhas maiores, flores unissexuais e não ser trepadeira distingue-se de outras Fallopia (ou Bylderdikia) presentes em Portugal.

### **Características que facilitam a invasão**

Possui órgãos subterrâneos acumuladores de reservas (rizomas), cuja riqueza em amido atinge os 50% de peso seco e que se enterram no solo até aos 3 metros de profundidade. A reprodução dá-se tanto por via sexuada (sementes) como por propagação vegetativa, sendo uma das principais formas de dispersão associada ao transporte de solos contaminados com rizomas. Regenera rapidamente após o corte ou outro tipo de agressão (insectos, herbívoros, acção humana), regenerando as folhas e os caules a partir das reservas acumuladas nos rizomas. Apresenta uma grande rapidez de crescimento dos órgãos vegetativos, atingindo grandes dimensões e podendo “asfixiar” a flora competidora devido à folhagem densa que produz um forte sombreamento. Tem uma boa adaptação dos períodos de floração e frutificação ao clima temperado, aproveitando a maior parte do Verão para acumular substâncias de reserva. Possui substâncias alelopáticas que produzem necrose nas raízes das plantas próximas.

### **ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO**

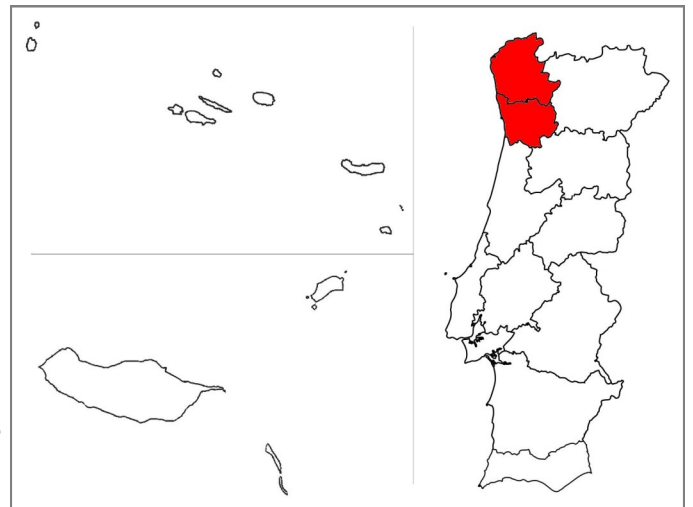
#### **Área de distribuição nativa**

Ásia (Japão, Coreia e China).

#### **Distribuição em Portugal**

Portugal continental (Minho, Douro Litoral e Beira Litoral).

Para verificar localizações mais detalhadas desta espécie, verifique o [mapa interactivo online](#). Este mapa ainda está incompleto - precisamos da sua ajuda! Contribua submetendo registos de localização da espécie onde a conhecer.



#### **Outros locais onde a espécie é invasora**

Europa Central e em algumas regiões do Sul, América do Norte e Nova Zelândia.

#### **Razão da introdução**

Foi introduzida na Europa de forma intencional, primeiro para cultivo forrageiro e melífero e depois como planta ornamental.

#### **Ambientes preferenciais de invasão**

Aparece a proliferar em margens de linhas de água, áreas degradadas e naturais de zonas mais frias do Norte do país.

### IMPACTES

#### Impactes nos ecossistemas

Compete vantajosamente com a vegetação natural, impedindo a sua regeneração; prejudica a fauna indígena que não está preparada para utilizar esta planta e pode provocar contaminação orgânica nos solos pela má decomposição das suas folhas.

#### Impactes económicos

Diminui a visibilidade nas estradas, danifica canais dos rios, reduz a capacidade de desaguar dos rios e canais ao invadir os bancos, dificulta o tráfico ferroviário, danifica as construções e obras públicas, diminui o valor dos pastos, produz danos na paisagem devido aos efeitos de uniformidade que surgem quando invade por completo uma zona.

### CONTROLO

O controlo de uma espécie invasora exige uma gestão bem planeada, que inclua a determinação da área invadida, identificação das causas da invasão, avaliação dos impactes, definição das prioridades de intervenção, seleção das metodologias de controlo adequadas e sua aplicação. Posteriormente, será fundamental a monitorização da eficácia das metodologias e da recuperação da área intervencionada, de forma a realizar, sempre que necessário, o controlo de seguimento.

As metodologias de controlo usadas em *Reynoutria japonica* incluem:

#### Controlo físico

**Arranque manual:** Nos casos em que a invasão já está consumada, os métodos de controlo activo possíveis começam pelo arranque de rizomas. No entanto, para este método ser eficaz têm de ser removidos todos os fragmentos, o que pode não ser fácil. Os rizomas podem ser encontrados no solo até uma profundidade de 3 m, tornando-se a sua remoção muito trabalhosa, demorada e dispendiosa e exigindo mão de obra com material adequado (crivos, etc.). Todos os fragmentos extraídos, uma vez retirados, devem ser completamente destruídos. Este método só é válido para os casos de invasões pequenas, muito localizadas. Estas acções podem não ser muito eficazes, porque a planta possui mecanismos de regeneração e os fragmentos resultantes podem converter-se em propágulos que contribuem para a extensão da invasão. Para que exista alguma eficácia, deve realizar-se a cada 15 dias ao longo do período vegetativo, durante pelo menos 2 anos.

Em pequenas áreas invadidas, já foram utilizados geotêxteis com sucesso para evitar a regeneração após o corte. Este método consiste em cobrir o solo com uma tela de geotêxtil (existente no mercado para proteger taludes contra a erosão, ou evitar o crescimento de ervas daninhas em jardins) e uma camada de 40cm de solo (livre de espécies invasoras). Uma vez que os rizomas se podem espalhar subterraneamente, recomenda-se cobrir até um raio de 3m de distância do limite da área onde foram detectadas as plantas. Assim elimina-se toda a vegetação existente, incluindo os indivíduos de *Reynoutria japonica*. O custo associado é muito elevado e exige que se coloquem espécies autóctones imediatamente após a intervenção.

Outro método é o pastoreio intensivo com animais domésticos, pelo menos por 5 anos. Este método é dificilmente aplicável em zonas fluviais, onde o movimento dos animais pode danificar os canais e ao longo de vias de comunicação.

## **Reynoutria japonica (sanguinária-do-Japão)**

### **Controlo químico**

Esta espécie é resistente a quase todos os herbicidas. O único utilizado com êxito foi o glifosato, embora devido à sua toxicidade para os invertebrados aquáticos deva utilizar-se com muita precaução nos ambientes fluviais, estando somente justificado no tratamento de casos de extrema gravidade e sempre produtos comerciais homologados para uso nestas situações. Como exemplo prático de tratamento com glifosato propõe-se o programa seguinte:

- 1ª fase: pulverização das folhas aos 15 dias do aparecimento dos caules com uma dose de Round-up de 6 l/ha durante as primeiras horas da manhã, ou últimas da tarde;
- 2ª fase: repetição da pulverização dois meses após a primeira aplicação para destruir os rebentos das gemas que não foram afectadas, ou o foram de forma insuficiente, acompanhada de uma escavação previa do solo até 50 cm de profundidade;
- 3ª fase: após dois meses da segunda aplicação de herbicida realizar uma nova escavação mecânica sobre os restos para melhorar a acção do glifosato sobre os rizomas.

### **Controlo biológico**

Depois de vários agentes estudados, foi libertado em Inglaterra (em 2010) um inseto (a psila *Aphalara itadori* Shinji), originário do Japão, num programa de luta biológica contra *Reynoutria japonica*. No entanto, até à data, e ainda que o inseto tenha sobrevivido, o seu estabelecimento e o aumento das populações está muito aquém do esperado não resultando no controlo substancial da espécie-alvo. Outra hipótese é utilizar certos compostos fitotóxicos de origem fúngica, tendo a Universidade de Montana isolado 25 fitotoxinas diferentes susceptíveis de ser utilizadas como fitocidas naturais contra esta planta.

Visite a página [Como Controlar](#) para informação adicional e mais detalhada sobre a aplicação correta de algumas destas metodologias.

### **REFERÊNCIAS**

- Flora Digital de Portugal (2014) *Reynoutria japonica*. Disponível: [http://jb.utad.pt/especie/reynoutria\\_japonica](http://jb.utad.pt/especie/reynoutria_japonica) [Consultado 15/09/2015].
- Marchante H, Morais M, Freitas H, Marchante E (2014) Guia Prático para a Identificação de Plantas Invasoras em Portugal. Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, pp. 130.
- Pheloung PC, Williams PA, Halloy SR (1999) A weed risk assessment model for use as a biosecurity tool evaluating plant introductions. *Journal of Environmental Management*. 57: 239-251.
- Sanz-Elorza M, Sánchez EDD, Vesperina ES (2004) Atlas de las plantas alóctonas invasoras en España. Dirección General para la Biodiversidade, Madrid, 254pp.
- DAISIE European Invasive Alien Species Gateway (2012) . *Fallopia japonica*. Disponível: [http://www.europe-aliens.org/pdf/Fallopia\\_japonica.pdf](http://www.europe-aliens.org/pdf/Fallopia_japonica.pdf) [Consultado 11/09/2017].